



## II «mistero del corpo parlante»

Le «mystère du corps parlant»

O «mistério do corpo falante»

The «mystery of the speaking body»

El «misterio del cuerpo hablante»

### *Do corpo indiviso ao corpo falante*

Que o corpo só existe por ser falado, já o sabemos desde o início do ensino de Jacques Lacan. Diante do espelho, a criança só se antecipa na imagem que recebe se alguma fala lhe indica que ela é esse outro (limites do imaginário). É a condição necessária mas não suficiente para evitar o triste fim de Narciso afogado em seu próprio reflexo.

Não suficiente, porque nenhuma fala pode constituir um *habitat* corporal sem falha (limites do simbólico), traindo no fracasso de seu desenho a impossibilidade de reduzir todo o vivente (persistência do real).

Que o corpo fale, seja falante, é uma indicação mais recente que, nem por isso, invalida o que precede, mas permite encontrar novas fontes para nos orientarmos numa clínica cotidiana e renovar sua abordagem.

Assim podemos reler os seguintes trechos de «*Nota sobre a criança*», escrita por Lacan em outubro de 1969: «[a criança] satura substituindo-se a esse objeto [*a*, na fantasia da mãe] a modalidade da falta em que se especifica o desejo [da mãe] [...] dando-lhe corpo, existencia [...]. O sintoma somático [da criança] dá o máximo de garantia a esse desconhecimento [da mãe quanto a sua própria verdade] [...]. Daí resulta que na medida do que ela presentifica de real, ela é oferecida a um maior subordinação na fantasia<sup>1</sup> ».

É a partir do não conhecido do desejo do Outro, no caso, materno, que o sujeito se vê dividido, em retorno, por sua própria falta. Ora, a criança de que fala Lacan na «*Nota*», aquela que encontra uma mãe para a qual ela satura a falta pela via de seu sintoma somático, crê saber o que ela quer. Ela oferece a esse Outro «que está aí» certamente, como diz Lacan<sup>2</sup>, (mas aí demais?), esse pedaço de corpo que disfunciona, e ela obtém em retorno a resposta condicionada somente à necessidade (de ser protegida, escreve Lacan na «*Nota*»). A fixação de gozo que resulta desse funcionamento em laço, poderia ser situada na junção entre imaginário e real, aonde Lacan situava na lição de 26 de janeiro de 1955 do *Seminário 2*, a diferença entre o auto-fechamento do sujeito, posição estritamente narcísica, e sua abertura para o desejo do Outro. Mas a passagem de uma posição à outra supõe a sucessão da alienação pela separação.

<sup>1</sup> Lacan J., « Deux notes sur l'enfant », *Autres écrits*, Paris ; Seuil, 2001 et *Ornicar ?* n°37, avril/juin 1986, p.13 et 14.

<sup>2</sup> Lacan J., Le séminaire livre XI, *Les quatre concepts fondamentaux de la psychanalyse*, Paris ; Seuil, 1973, leçon du 3 juin 1964.

Se pulamos vários anos, nos seminários subsequentes e em « *A Terceira* », na interseção dos registros imaginário e real Lacan introduz o gozo do Outro. A criança doente de sua mãe estaria num gozo indiviso com o do Outro. Habita seu corpo tomando-o de aluguel, o Outro é quem dele usufrui. Lhe é difícil desaparecer do campo fechado da fixação (alienação) para reaparecer somente entre os significantes que o representam (separação). Lacan evoca uma impossível afânise, mais condição do desejo do que temor de sua ausência.

E no entanto, o mistério continua, e ele pode ser deduzido implicitamente da « *Nota* ». Não há destino comum numa situação parecida, o empuxo à vida em si é um dado indeterminável. É verdade que uma criança presa numa ligação indivisa com sua mãe, pode se tornar um pouco mais débil do que é por estrutura, ou então, « escolher » a indecisão da psicose. Mas também, um por um, os pequenos falaseres podem extrair-se dessa prisão que nunca é toda pois é preciso contar com o gozo Outro, aquele que excede o fálico e não se preenche com nenhum objeto, permitindo que a dúvida sobre a satisfação materna se mantenha. Daí, e de alguma decisão obscura do ser, a criança pode fazer de seu sintoma somático um « acontecimento de corpo », ou seja, um sintoma do corpo falante; quer dizer, se for estruturalmente necessário, um sintoma amarrando borromeamente os três registros de uma forma particular, a partir dos nós do imaginário e do real.

Martine Menès  
maio de 2010  
(trad. Sonia Alberti)